

DIÁLOGOS ENTRE MÃES E PAIS: PENSANDO A PRÁTICA GRUPAL COM EQUIPE REFLEXIVA NA PARENTALIDADE ADOTIVA

DIALOGUES BETWEEN MOTHERS AND FATHERS: THINKING ABOUT GROUP
PRACTICE WITH A REFLECTIVE TEAM IN ADOPTIVE PARENTING

DIÁLOGOS ENTRE MADRES Y PADRES: PENSANDO EN LA PRÁCTICA GRUPAL
CON UN EQUIPO REFLEXIVO EN CRIANZA ADOTIVA

RESUMO: Este artigo relata a experiência de grupos de pretendentes à adoção, com a participação de uma equipe reflexiva na modalidade remota e analisa a percepção dos participantes sobre essa prática. Quatorze pessoas participaram. Os principais resultados demonstram que o grupo e a equipe reflexiva contribuíram para uma reflexão profunda sobre adoção, aumentando o conhecimento e a sensação de acolhimento dos participantes no contexto grupal. Essa experiência aponta para uma relação proveitosa no uso de equipes reflexivas em intervenções grupais com pretendentes à adoção. Sugere-se que futuros estudos e intervenções sejam desenvolvidos com outros grupos reflexivos abordando diferentes temas. Enfatiza-se a importância de projetos voltados à parentalidade adotiva que possibilitem acompanhamento, além do curso obrigatório do Poder Judiciário, oferecendo um espaço relevante para reflexão sobre o projeto adotivo, sem caráter avaliativo.

Palavras-chave: adoção; grupos; equipe reflexiva.

ABSTRACT: This article reports on the experience of adoption applicant groups with the involvement of a remote reflective team, as well as analyzes the participants' perception of this practice. Fourteen individuals took part in the study. The main results indicate that both the group and the reflective team significantly contributed to a deeper reflection on adoption, enhancing the participants' knowledge and sense of belonging within the group setting. The experience points to a fruitful relationship in employing reflective teams for group interventions with adoption applicants. We suggest that future studies and interventions be conducted with other reflective groups addressing different themes. The importance of establishing and strengthening projects aimed at adoptive parenthood, which provide support beyond the mandatory course offered by the Judiciary in accordance with the law, is emphasized to enable a significant space for reflection on the adoption process, without evaluative intent.

Keywords: adoption, groups, reflective team.

RESUMEN: Este artículo informa sobre la experiencia de grupos de aspirantes a la adopción con la participación de un equipo reflexivo en formato remoto y analiza la percepción de los participantes sobre esta práctica. Catorce personas participaron en el estudio. Los principales resultados indican que tanto el grupo como el equipo reflexivo contribuyeron significativamente a una reflexión más profunda sobre la adopción, mejorando el conocimiento y el sentido de pertenencia de los participantes en el contexto grupal. La experiencia señala una relación fructífera en el uso de equipos reflexivos en intervenciones grupales con aspirantes a la adopción. Se sugiere que futuros estudios e intervenciones se realicen con otros grupos reflexivos que aborden diferentes temas. Se enfatiza la importancia de establecer y fortalecer proyectos dirigidos a la crianza adoptiva, que brinden apoyo más allá del curso obligatorio ofrecido por el Poder Judicial de acuerdo con la ley, para permitir un espacio significativo de reflexión sobre el proceso de adopción, sin intención evaluativa.

Palabras clave: adopción, grupos, equipo reflexivo.

**JULIANA GOMES
FIOROTT¹**

**LUIZA RODRIGUES
MELO¹**

**ANA JULIA SANTANA
VICENTE¹**

**ANDRÉIA ISABEL
GIACOMOZZI¹**

¹ *Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC),
Florianópolis/SC, Brasil*

Recebido em: 23/09/2023

Aprovado em: 01/11/2023

No cenário da adoção de crianças e adolescentes são comuns intervenções através de processos grupais voltados para o desenvolvimento da parentalidade adotiva de forma profícua (Cecílio, Hueb & Farinelli, 2018; Fiorott e Giacomozzi, 2022; Fiorott et al., 2022; Miranda, Fiorott, Bousfield, & Giacomozzi, 2020). A legislação que regulamenta a adoção no Brasil prevê avaliação psicológica (Giacomozzi e Fiorott, 2023) e curso preparatório para postulantes à adoção (Brasil, 2017), que geralmente é ofertado pelas equipes técnicas do Poder Judiciário brasileiro em formato grupal. Contudo, além dessa proposta, que geralmente tem um caráter mais informativo, emergem diferentes modalidades grupais voltadas à temática da adoção, como grupos de apoio à adoção, grupos psicoterapêuticos e grupos reflexivos (Miranda et al., 2020). Tanto as intervenções de preparação para adoção, quanto o acompanhamento após a adoção, propõem-se a desenvolver boas relações familiares entre pais e filhos e evitar que crianças e adolescentes sofram com uma nova ruptura de vínculos, desencontro familiar, e tenham direitos violados (Peiter, 2017).

A adoção passou por diferentes transformações ao longo da história e atualmente tem por objetivo garantir que toda criança e adolescente possa conviver em um ambiente familiar protetivo (Levinzon, 2019). Nesse sentido, crianças e adolescentes aptos juridicamente para a adoção, ou seja, desvinculados de suas famílias de origem, devem ser encaminhados para novas famílias que passaram por um processo de perícia psicológica e social, bem como de curso preparatório obrigatório (Pelisoli & Oliveira Júnior, 2016). Trata-se, portanto, de um processo de filiação marcado por aspectos afetivos, sociais e jurídicos.

Perez, Albiero, Massari e Cunha (2022) discutem o caráter avaliativo das perícias psicológicas, sociais e do curso preparatório vinculados ao poder judiciário no Brasil, procedimentos sem dúvida necessários, mas que produzem determinados modos de ser e agir. As autoras refletem sobre a experiência de realização de um grupo terapêutico voltado aos candidatos à adoção, sem a necessidade de “performance de bons pais” suscitada no cenário judicial. Assim, a noção de grupo terapêutico surge como uma possibilidade de facilitar o compartilhamento de experiências, a manutenção de espaços para as singularidades, os diferentes olhares e as opiniões em torno da adoção. Tal espaço proporciona, inclusive, a possibilidade de postulantes à adoção se descobrirem não mais querendo adotar, antes do encontro com a criança ou o adolescente — o que consideramos bastante saudável que aconteça como fruto de reflexão madura.

Dessa forma, experiências grupais na modalidade de grupo reflexivo com pretendentes à adoção podem favorecer a redução de estigmas e preconceitos com relação à adoção e às crianças acolhidas, a diminuição do descompasso entre o perfil desejado e o perfil real da criança/adolescente acolhido, assim como a desconstrução de idealizações e tensões durante o período da espera pela(o) filha(o) que chegará. Tais processos facilitam ainda a preparação emocional a partir de uma construção coletiva e de demandas que são comuns aos sujeitos postulantes à adoção (Miranda et al., 2020).

No contexto psicológico, são diferentes as modalidades grupais possíveis de intervenção. Este artigo propõe-se a discutir e aprofundar a utilização da modalidade de grupos reflexivos, com o recurso da equipe reflexiva, a partir do Construcionismo Social como teoria de base, com pretendentes à adoção, em um projeto de extensão universitária de uma universidade pública brasileira.

O trabalho grupal através de grupos reflexivos é uma ferramenta importante quando se trata das possibilidades de intervenção em Psicologia, uma vez que este pode desdobrar-se na promoção de segurança e autonomia e no aumento do bem-estar e da autoestima dos participantes, a partir do compartilhamento de experiências e afetos (Justo, Bastianello, Pralon, & Porto, 2020). O grupo reflexivo, segundo Silva, Oliveira, Soares e Rapizo (2018), apresenta-se como um espaço para que questionamentos e diálogos sejam expostos na relação de convivência entre os participantes, o que também permite que conhecimentos e novos sentidos sejam produzidos individual e coletivamente.

A partir de tais definições, entende-se que os pressupostos do Construcionismo Social são uma base profícua para a realização de grupos reflexivos. Esse movimento traz uma posição crítica sobre a ideia positivista de que existe uma verdade única e universal, enfatizando que é através das relações sociais e dos sentidos construídos pela linguagem que cada sujeito irá elaborar o mundo à sua maneira (Cardoso & Beiras, 2022). Fundamentadas nessa perspectiva, algumas propostas terapêuticas atuam de forma a priorizar uma postura de não-saber do terapeuta, entendendo que é necessário que haja uma co-construção de sentidos entre ele e o cliente e que, para isso, é preciso deslocar-se da posição de especialista (Rasera, et al., 2006).

Alicerçado nessas concepções e desconfortável com as intervenções terapêuticas que predominavam até a década de 1980, Andersen (1987) propõe as chamadas equipes reflexivas (Fiorini, Guisso, & Crepaldi, 2017). Assim, a ideia principal é que essa equipe passe boa parte da sessão apenas observando a conversa entre o(s) terapeuta(s) e o(s) cliente(s), até o momento em que é convidada a compartilhar suas reflexões a partir de seus diálogos internos (Andersen, 1987) sobre o processo terapêutico, sem se preocupar com a utilização de termos técnicos (Tholl & Beiras, 2017). A finalidade dessa prática é favorecer os processos reflexivos, ou seja, fazer com que surjam novas formas de entender e resolver os problemas e situações que aparecem durante as sessões (Barreto et al., 2019).

Inicialmente utilizadas em processos terapêuticos com famílias ou mesmo com indivíduos, as equipes reflexivas passaram também a ser uma ferramenta importante no contexto grupal. A dinâmica é basicamente a mesma, na qual a equipe observa em silêncio — estando no mesmo ambiente ou não — o processo grupal, sendo oferecido posteriormente o espaço para que ela se pronuncie e dialogue entre si (Barreto et al., 2019). Um ponto a ser destacado é que o formato da equipe deve ser explicado e acordado em conjunto com todos os integrantes do grupo, deixando claro, desde o início, a diferenciação entre as posições dos coordenadores, dos participantes e dos componentes da equipe reflexiva, para que não aconteçam confusões (Tholl & Beiras, 2017).

Os grupos reflexivos que se utilizam da equipe reflexiva como ferramenta mostram-se, portanto, como uma prática bastante potente, sendo múltiplas as possibilidades de contextos e públicos com os quais pode-se aplicá-la. Grupos reflexivos com o foco na parentalidade adotiva, por exemplo, podem auxiliar na promoção de práticas parentais mais positivas e, conseqüentemente, contribuir para que as crianças tenham um desenvolvimento mais saudável, tendo a equipe reflexiva o papel importante de enriquecer e fazer reverberar as discussões e até de compartilhar conhecimentos mais científicos sobre o assunto (Barreto et al., 2019; Schmidt, Staudt, & Wagner, 2016).

Este trabalho emerge a partir da união entre ensino, pesquisa e extensão em uma universidade pública do Sul do Brasil. O projeto de extensão teve início em 2019, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e intervir sobre a temática da adoção com a comunidade. Como o foco desse estudo será o grupo de pretendentes à adoção, vale a discussão sobre as temáticas que são de frequente interesse dos participantes, as quais muitas vezes são motivadas pelas fantasias, expectativas e preconceitos em torno do processo adotivo. Nesse sentido, temas como a história pregressa da criança ou do adolescente, a adoção de crianças/adolescentes mais velhas, a escolha do perfil do adotado e a ansiedade relacionada à espera pelo filho são comuns entre os pretendentes (Pasin et al., 2022).

MÉTODO

A experiência aqui relatada diz respeito à 6ª edição do Grupo Reflexivo com Pretendentes à Adoção, realizada na modalidade remota (Lopes et al., 2021) e foi a primeira edição a contar com a participação de uma equipe reflexiva como ferramenta de intervenção. Apresentaremos um relato de experiência e, a fim de complementá-lo, analisaremos as percepções dos próprios participantes sobre a equipe reflexiva, a partir das respostas obtidas no questionário final de avaliação do grupo.

Procedimentos

Em todas as edições dos grupos do projeto de extensão em questão (já foram realizadas seis edições, uma vez que o projeto teve início no ano de 2019) foram aplicados dois questionários aos participantes, um antes do primeiro encontro e outro após o último, a fim de avaliar a intervenção grupal oferecida. No questionário pré-grupo, respondido na hora da inscrição, foi solicitado que os participantes respondessem algumas questões sobre suas construções de sentidos atribuídos à adoção, aspectos sociodemográficos e seus processos adotivos. No presente relato, foram utilizados os dados referentes às características sociodemográficas e as informações relativas ao processo adotivo das 14 pessoas que responderam o questionário inicial e estiveram presentes no primeiro encontro para auxiliar a discorrer sobre a experiência do grupo e da equipe reflexiva.

Por sua vez, no questionário final, foram feitas perguntas sobre a percepção dos participantes sobre os encontros grupais e os impactos que participar do grupo podem ter tido em cada um deles. Nessa edição, em específico, também foram adicionadas duas indagações sobre a equipe reflexiva, sendo elas: (a) “Gostaríamos que você relatasse com bastante sinceridade o que achou da participação da equipe reflexiva (aquele grupo de estudantes que ficavam com a câmera fechada e era chamado para dar contribuições ao final dos encontros). Escreva o que sentiu a respeito dessa participação da equipe, como foi para você.”; e, (b) “Na sua percepção a participação da equipe reflexiva auxiliou de alguma forma nos encontros? Em caso positivo, de que forma?” Foram obtidas, neste questionário, 10 respostas — número menor do que no questionário inicial devido a algumas desistências de participantes ao longo do processo grupal — as quais foram examinadas na perspectiva da análise de conteúdo-categórica (Bardin, 2011).

O projeto de pesquisa e extensão aqui apresentado foi avaliado e aprovado após ser cadastrado na Plataforma Brasil e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), estando de acordo com as normas e as diretrizes da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. A aprovação pode ser acessada pelo parecer n. 3.013.825. Além disso, no início de cada um dos questionários o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado aos participantes, só sendo possível preencher o questionário após a sua assinatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participantes

A partir da divulgação dos grupos no Instagram do projeto¹, 14 pretendentes à adoção se inscreveram, interessados em participar desse ciclo grupal. Dentre eles, 12 pessoas de Santa Catarina (SC) e 2 da Bahia. Dentre os moradores de SC, cinco residiam na capital ou na região metropolitana, o que significa que metade dos participantes eram do interior de Santa Catarina. Com relação à autodeclaração de raça, quatro pessoas se autodeclararam pardas e as demais brancas, de forma condizente com a pesquisa realizada por Giacomozzi, Nicoletti & Godinho (2016), em que dos 84 participantes daquele estudo, 97,6% eram autodeclarados brancos. A média de idade entre as mulheres do grupo foi de 33,4 anos e a dos homens, 36,1. Com relação à renda dos participantes, metade declarou ter renda de 3 a 6 salários mínimos. Já ao se considerar a escolaridade dos futuros pais, houve, nesse grupo, uma grande variabilidade com relação a esse quesito, mas com predominância de pessoas com pós-graduação (seis) e ensino superior incompleto (cinco).

Relato da intervenção grupal

Essa edição do Grupo Reflexivo de Pretendentes à Adoção contou com cinco encontros e foi composta inicialmente por 14 participantes. Para a realização dos encontros grupais com a presença da equipe reflexiva como uma das ferramentas de intervenção, optou-se, a partir da literatura e do perfil do grupo, pelos seguintes temas: expectativas e angústias relacionadas ao momento de espera; perfil da criança ou adolescente; rede de apoio; expectativas sobre os pós adoção; sentimentos relacionados à parentalidade adotiva, entre outros. Nesse contexto, buscou-se promover um espaço de escuta e desconstrução de expectativas irreais sobre a adoção, além de um espaço de aprendizado mútuo (Pasin et al., 2022). A fim de dar um panorama das tarefas utilizadas nos grupos reflexivos, a Tabela 1 apresenta, de modo sintético, as estratégias utilizadas para produzir os processos grupais.

¹ @adocao_ufsc

Tabela 1 - Processos grupais

	Objetivo	Aquecimento	Tarefa Principal
Encontro 1	Acordos grupais; conhecer os participantes;	Atividade de associação livre relacionada ao momento de espera que os adotantes viviam	Escrita individual de carta para si: conselhos, sentimentos, mensagens
Encontro 2	Refletir sobre o perfil da criança/adolescente	Breve relato do perfil escolhido pelos participantes somado à exposição em formato de gráfico do perfil de interesse do grupo	Sorteio de perfis fictícios de crianças e adolescentes aptos para a adoção
Encontro 3	Reflexão sobre rede de apoio	Explicação breve sobre o que seria uma rede de apoio	Construção de um mapa de redes
Encontro 4	Reflexão sobre o pós adoção	Apresentação das convidadas (duas mães por adoção) e breve compartilhamento sobre a constituição de suas famílias	Construção conjunta de uma história de uma família adotiva a partir da sugestão de palavras chaves
Encontro 5	Síntese de temáticas e reflexões do grupo e coleta do formulário	Associação livre das reflexões mais marcantes dos encontros anteriores	Retomada da carta escrita no encontro 1. Você mudaria/acrescentaria algo na sua carta?

A equipe reflexiva esteve presente em todos os encontros e, ao início de cada um deles, a pessoa responsável pela mediação questionava se algo reverberou nos participantes a partir do que a equipe teria comentado no encontro anterior. A equipe reflexiva, nesse sentido, se constitui como um dos recursos terapêuticos cujo foco está nos processos reflexivos, na medida em que proporciona a troca de posições entre o falar e o escutar (Andersen, 1995), de forma que o processo de mudança na terapia, por meio dessa perspectiva, se dá de modo dialógico e colaborativo (Fiorini, Guisso & Crepaldi, 2017). De modo simplificado, esse recurso, aplicado, inicialmente, no contexto da terapia familiar, propõe que o grupo de pessoas que compõe a equipe exerça a escuta atenta e sensível àquilo que é trazido tanto pelos clientes quanto pelo terapeuta e, após um período, ela é chamada para compartilhar suas reflexões, de forma que os demais ocupem a posição de escuta. Assim, a presença da equipe reflexiva é capaz de proporcionar uma multiplicidade de vozes e diversidade de sentidos (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015).

Dessa forma, a equipe reflexiva observava os encontros silenciosamente e, ao final de cada um deles, a mediação abria um espaço para que a equipe compartilhasse suas impressões e reflexões com relação ao que consideravam ter sido marcante no grupo naquele dia. Contudo, os comentários do grupo sobre o que a equipe havia trazido eram realizados apenas no encontro posterior, de forma a distinguir-se do

formato original da equipe reflexiva, em que esse momento ocorre logo após as reflexões trazidas pela equipe, bem como, na sequência, há um diálogo diretamente entre a equipe reflexiva e o grupo (Labs & Grandesso, 2017). Objetiva-se, assim, ampliar as possibilidades de sentido a partir das narrativas compartilhadas (Labs & Grandesso, 2017), porém deixando-as ressoar no grupo até o encontro posterior, a fim de verificar os efeitos do que foi trazido pela equipe a médio prazo, visto que eles ocorriam quinzenalmente. Dessa maneira, era proposta ao grupo uma multiplicidade de entendimentos sobre as temáticas discutidas nos encontros, de forma a mostrar um mesmo aspecto discutido e pensado de diferentes modos (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015).

No primeiro encontro, o aquecimento sobre o momento de espera — o qual foi pensado pela equipe do projeto ao levar-se em consideração o fato de que esse período costuma ser vivido, pelos pretendentes, com bastante ansiedade e expectativa pela chegada da criança ou adolescentes (Araujo & Faro, 2017) — provocou, em consonância com os estudos desses autores, o destaque das palavras: expectativa e ansiedade. Um dos participantes comentou, por exemplo, que, em seu caso, ele vive uma “ansiedade boa” e tem expectativa de entrar na fila, porque ali inicia a “gravidez”, o que denota a preocupação dos adotantes em se prepararem para a chegada do filho, de forma que uma gestação emocional se inicia, sendo fundamental a maneira como esses sentimentos são vividos e enfrentados, já que interferem diretamente no processo de adoção, de modo a torná-lo mais rígido ou flexível, acolhedor ou evitativo (Schettini, Amazonas & Dias, 2006).

Na sequência do encontro, foi proposta a escrita de uma carta voltada para si, com conselhos que gostariam de se dar e reflexões sobre o projeto adotivo, assim como o questionamento sobre quais sentimentos haviam sido suscitados no momento de escrita da carta. Entretanto, muitos membros optaram por compartilhar o que haviam achado da proposta da atividade, assim como quais foram os pensamentos que motivaram a sua escrita: lembranças do porquê estavam passando pelo processo de adoção, pensamentos sobre como o filho futuro estaria no momento em que escreviam, planos que pretendiam realizar, entre outros. Dessa forma, o ato de escrever, para alguns, nesse contexto, foi uma forma de registrar pensamentos e conter a ansiedade, e, para outros, uma atividade considerada difícil, devido à falta de hábito de utilizar a escrita como forma de expressão de sentimentos. Para finalizar o encontro, a equipe reflexiva foi convidada a participar e trazer comentários e reflexões a partir do que havia sido discutido em grupo.

O segundo encontro teve seu início a partir da atividade de aquecimento planejada sobre o perfil esperado para seus futuros filhos. Após o compartilhamento dos participantes, a equipe divulgou um panorama do grupo sobre o tema por categorias: em relação ao sexo da criança/adolescentes (78,6% do grupo afirmou que esse não foi um critério de escolha), faixa etária (68,9%, desejavam crianças de 0 a 3 anos), cor da pele/etnia (para 68,8% essa categoria não foi um critério de escolha), doenças tratáveis ou não (60% optou por crianças e adolescentes com doenças tratáveis) e sobre aceitar grupo de irmãos (92,9% dos adotantes não responderam essa pergunta no questionário). Em estudo de Giacomozzi et al. (2016), os pretendentes também manifestaram preferência em adotar crianças mais novas (30,1% até um ano de idade e 21,7% entre 0 a 3 anos). Quanto à raça/cor, também não foi um dos critérios de maior exigência, sendo que 50% deixaram este quesito em aberto, embora 33,8% aceitassem somente crianças brancas. Quanto à saúde da criança, esse foi um dos mais importantes critérios para os adotantes, pois 88,9% indicaram que adotariam somente uma criança saudável. Sobre o sexo, 54,8% deixou em aberto, embora 33% tivessem preferência por adotar uma menina.

Na sequência, foi proposta uma atividade de reflexão a partir de perfis fictícios de crianças e adolescentes para a adoção. A dinâmica provocou uma grande movimentação no grupo. Embora, por exemplo, os adotantes tenham considerado brevemente o preconceito existente na sociedade e, possivelmente, em suas próprias famílias, o foco da discussão estava no quanto aquele grupo era considerado, por eles mesmos, como um grupo de adotantes sem preconceitos, de forma a não diferenciarem a criação de uma criança negra ou parda de uma criança branca, já que a maioria dos participantes deixou a categoria raça sem uma definição específica. Desse modo, percebe-se que o mito da democracia racial persiste, de forma que o racismo é tratado como não existente, apesar de sua existência velada (Silveira, 2005) e muitas vezes bastante violenta (Vitali, et al., 2021) no contexto brasileiro. Em meio a isso, ao se pensar em uma adoção inter-racial, é fundamental que a família adotiva acolha a busca pelas origens do filho adotivo, visto que é essencial para sua construção de identidade e para um sentido de pertencimento mais amplo. Contudo, diferentemente do que os adotantes do grupo têm como expectativas quanto à adoção inter-racial, há diversos relatos em grupos de apoio à adoção sobre as dificuldades dos pais adotivos de lidarem com questões raciais de seus filhos. Em outro estudo, uma mãe chegou a comentar que considera desafiador acolher e, ao mesmo tempo, escutar as queixas a respeito das situações de racismo vivenciadas pelas filhas (Finamori & Silva, 2019).

Além disso, também foram discutidas as diferenças de se realizar adoção de uma criança mais velha ou de uma mais nova. Sobre esse assunto, foi possível observar colocações dos participantes que giravam em torno da noção de que crianças mais velhas teriam mais traumas e questões emocionais referentes ao passado, o que poderia dificultar a formação de vínculo e apresentar maiores desafios, assim como na pesquisa de Peixoto et al., (2019). Ademais, tais preocupações vão ao encontro de uma pesquisa realizada por Baldessar e Castro (2020), em que se investigou as representações sociais a respeito da “adoção tardia”; a pesquisa revelou que a insegurança quanto a alcançar esta boa convivência se mostrou presente. Segundo o estudo, o medo dos adotantes envolve principalmente o período de estágio de convivência, diante de uma possível dificuldade de adaptação decorrente de situações de rebeldia e agressividade, bem como o medo de ser rejeitado pela criança, o que corrobora as dificuldades da tomada de decisão por adotar uma criança mais velha (Baldessar & Castro, 2020). Em meio a isso, a visão dos participantes do grupo mostrou-se condizente com as expectativas dos adotantes da referida pesquisa no que tange à preferência pela adoção de recém-nascidos, por considerarem que o apego se dará com maior facilidade e se evitarão eventuais sofrimentos decorrentes da história pregressa da criança (Schettini, Amazonas & Dias, 2006).

Após as diversas pontuações sobre possíveis dificuldades e facilidades que teriam de adotar cada perfil apresentado, foi proposta ao grupo a discussão sobre o que eles imaginavam que poderia facilitar ou ajudar a lidar com as questões mais difíceis do processo de adoção. Nesse sentido, os participantes consideraram notável os possíveis benefícios de uma terapia de casal ou familiar para auxiliar na elaboração desse processo de mudança, além de dedicação, paciência e conhecimento sobre as fases do desenvolvimento. Além disso, observou-se que, de acordo com a própria literatura, a participação em grupos de pais adotivos pode ser enriquecedora e preventiva de dificuldades no processo de adoção, bem como auxiliar no alívio da ansiedade, visto que é oportunizado aos adotantes construir identificações entre eles, trocar experiências e conhecimentos (Schettini, Amazonas & Dias, 2006).

O terceiro encontro iniciou-se com possíveis questionamentos que reverberaram a partir de contribuições da equipe reflexiva. Na sequência, embora um dos participantes tenha considerado que o racismo não era uma questão dentro daquele grupo, sucedeu-se imediatamente a fala de outra pessoa sobre a preocupação com o fator exclusão advindo do meio social e como isso poderia interferir na autoimagem da criança, o que provocou ligeira mobilização no grupo. Seguiram-se, assim, falas em torno das diferentes formas de se lidar e criar uma criança de acordo com sua raça. Uma das participantes comentou: “não é só pensar que vai tratar igual”. Entretanto, embora reflexões críticas em relação ao racismo presente na sociedade tenham reverberado no grupo, entendemos que algumas questões ainda precisam ser repensadas pelos participantes, como não compreender uma criança indígena como um sujeito racializado, por exemplo, fala que também apareceu no encontro. Outro ponto abordado por um dos participantes foi sobre as ponderações que ele e a esposa fizeram sobre adotar uma criança com HIV ou com exposição a drogas, após considerações trazidas pela equipe reflexiva, ou seja, as reflexões trazidas no encontro anterior contribuíram para que o casal ampliasse o perfil de criança que estava buscando.

Na tarefa principal do encontro, a ideia foi de indicar quais vínculos fazem parte da vida dos participantes, isto é, quais relações eles percebem como significativas — distintas da massa anônima —, o que foi definido por Sluzki (1997), como a rede social pessoal. A partir disso, as discussões que mais ecoaram no grupo tratavam da distância — em sua maioria física — que os participantes tinham da família e de amigos, por morarem em cidades diferentes, fato sobre o qual manifestaram preocupação, visto que a importância da rede é considerada no processo de adoção. Entretanto, foi possível discutir a possibilidade de essa rede se manter como positiva mesmo à distância, assim como a qualidade de uma rede, no processo de adoção, ser mais significativa do que a quantidade de indivíduos nela.

Ademais, ao refletirem sobre como a criança se sentiria nessa rede, foi nítida a preocupação dos participantes de preparar as pessoas direta ou indiretamente envolvidas, como escola, trabalho e família, a partir do compartilhamento de informações sobre o processo de adoção. Percebeu-se, nesse contexto, uma preocupação dos adotantes com comentários invasivos, acerca da própria adoção, que poderiam ser feitos à criança/adolescente por sua rede de apoio, devido ao preconceito ainda existente na sociedade brasileira com relação às famílias adotivas, sendo que tal temática tem sido recorrente nos grupos de apoio à adoção: os pais demonstram preocupação e buscam aprender a lidar com o preconceito, principalmente em famílias inter-raciais (Finamori & Silva, 2019), o que é fundamental já que os mitos e preconceitos sociais podem contribuir para devoluções (Araujo & Faro, 2017).

Nesse encontro, além disso, após a coordenação abordar as possibilidades do grupo em si ser uma rede de apoio entre os participantes, um dos adotantes compartilhou que o grupo do WhatsApp, que haviam criado no primeiro encontro, era considerado, por eles, como uma rede de apoio, o que demonstrou a forte vinculação presente naquele grupo.

No quarto encontro, a partir de uma das reflexões instigadas pela equipe reflexiva, surgiu o comentário de uma das adotantes sobre a conversa que teve com o esposo a respeito da criação e do fortalecimento de suas redes de apoio como elemento fundamental para auxiliá-los no processo de adoção. Desse modo, a equipe conseguiu contribuir para os processos reflexivos do grupo como um todo ao mobilizá-los ainda mais em relação ao que foi abordado no encontro. Na sequência do encontro,

deu-se o aquecimento conforme descrito na Tabela 1. Após a breve apresentação, foi explicada ao grupo a proposta do encontro, a saber, a construção conjunta de uma história. A única condição para o desenvolvimento da história seria a presença de um adulto que realizou uma adoção. Para iniciar, foi proposta a construção de quem seria essa família e quais personagens estariam na história. O grupo decidiu, então, construir a história de uma família composta por Pedro e Jéssica, um casal heterossexual branco, jovem (entre 25 e 30 anos), que devido à infertilidade optaram pela via da adoção. O casal adotou três irmãos negros: Clara (5 anos), Miguel (4 anos) e Enzo (2 anos). José e Gabriel eram os padrinhos e Maria uma das madrinhas.

A partir da história construída, notou-se a preocupação dos adotantes pela manutenção dos vínculos entre os irmãos, assim como o medo do futuro em relação à vinculação das crianças com a família, e a vivência simultânea de vários lutos, tanto pela família quanto pelas crianças. O sentimento de raiva também foi um grande mobilizador do grupo nesse encontro, de modo que, na história, ele surgiu de diversas formas, sendo decorrente da expectativa de que o sentimento de gratidão das crianças prevalecesse na relação com os pais adotivos, no lugar da dor e da raiva. Da mesma forma, as mães convidadas deste encontro trouxeram a visão de que ambas haviam passado por todas as situações descritas na história e destacaram a raiva como um sentimento presente e decorrente das expectativas em relação à adoção e da autocobrança e exigência quanto à maternidade.

Além disso, ainda foi destacada, por uma das convidadas, a necessidade de não desconsiderar a história da criança, mencionando inclusive que já levou a filha para visitar a genitora, o que foi uma experiência positiva, segundo ela. Contudo, em seu relato trouxe também o fato de já ter sentido ciúme da mãe biológica, o que se mostrou condizente com o estudo de Finamori e Silva (2019), em que se verificou que embora os adotantes e pretendentes tenham em seus discursos falas de apoio ao movimento dos filhos adotados de conhecer suas famílias de origem, quando se trata da dimensão relacional da adoção e de como eles se sentem como pais e mães nessa situação, é frequente que o interesse na família de origem gere “inseguranças” e “vulnerabilidades” na família adotiva.

Em um grupo de apoio à adoção no sul do Brasil, por exemplo, surgiu, por parte dos adotantes, o relato de que a adaptação da família só seria possível com a chegada da criança, visto que existe uma grande diferença entre a parentalidade real e a idealizada, assim como entre a criança real e a imaginada. Os adotantes destacaram também o sentimento de frustração ao longo do processo decorrente das expectativas que os pais tinham antes de receberem a criança (Silva et al., 2022).

O quinto e último encontro, foi iniciado com a proposição da atividade descrita na Tabela 1, a partir da qual se observou que foi marcante para os participantes, ao longo do grupo, as discussões sobre rede de apoio e perfil das crianças, acompanhadas também das reflexões sobre a raiva, adoção tardia, preconceito, entre outras. Em meio a isso, ao observar o quadro formado em conjunto com todas as palavras do grupo, uma das participantes compartilhou que considerava aqueles adotantes como um grupo aberto para adotar, independentemente da raça da criança, ou seja, a adotante não trouxe em sua fala reflexões que considerassem o fator raça como fundamental para a criação de uma criança ou adolescente, o que denota que seria interessante retomar essa discussão em encontros futuros, caso existissem, e possivelmente aprofundá-la, de forma a aproximar as expectativas dos pretendentes com a realidade vivida pelos pais adotivos, bem como o cenário brasileiro racista. Com relação a essa temática, em outro grupo de apoio à adoção, o debate sobre como os pais adotivos deveriam lidar com as múltiplas diferenças do filho adotado

também foi presente, sendo a raça uma das questões discutidas, visto que grande parte da preocupação dos pais era de que o filho se sentisse parte da família e reconhecido pela família extensa, amigos e conhecidos (Finamori & Silva, 2019), sendo ainda importante, além disso, que os pais façam de tudo para preservar o patrimônio racial das crianças nessa constituição familiar (Wilson & Hockenberry, 2014). Assim, “quando os pais apresentam uma visão realista para tratar as diferenças, a adoção transcorre em um ambiente favorável” (Anzini et al., 2019, p. 223), o que reforça a importância de se alinhar ao máximo as expectativas e a realidade vivida, de forma a promover um ambiente favorável para a adaptação da família.

Outras discussões reverberam também no grupo como, por exemplo: o uso desse tempo de espera para se preparar para a chegada da criança e a noção de que compartilhar as angústias com o grupo ajudou a tranquilizar os adotantes. Dessa forma, as experiências e expectativas, assim como os medos e desejos de cada sujeito emergem desde o primeiro encontro (Rapizo, 2013), de modo que os participantes se conectam pelas tarefas propostas, os afetos e expectativas, gerando uma multiplicidade de alteridades (Abrahamsson et al., 2016). A partir desta, constroem identificações entre si e se preparam em conjunto para lidar com o processo de adoção e os sentimentos envolvidos nele, contribuindo, desse modo, por meio do compartilhamento com o grupo, para o alívio da ansiedade e para a prevenção de dificuldades decorrentes do processo de adoção (Schettini, Amazonas & Dias, 2006).

Como atividade do quinto encontro, além disso, foi proposta a orientação contida na Tabela 1, qual seja, a retomada da carta. Uma das reflexões trazidas pelos participantes foi a possibilidade de acrescentar à carta o papel da rede de apoio enquanto forma de procurar ajuda, não só para a criança, mas também para os adultos envolvidos. Outros participantes comentaram que não mudariam a carta, mas que o grupo os havia tranquilizado e auxiliado a reforçar algumas decisões com mais leveza por compartilharem de um mesmo momento enquanto grupo, de forma que aquela coletividade em si se constituiu como uma rede de apoio para os adotantes. De acordo com pesquisa de Miranda et al. (2020), o espaço grupal na área da adoção pode ser terapêutico por diferentes motivos e um deles seria a constituição de um espaço seguro e de uma rede significativa de apoio e pertencimento.

Ao longo dos cinco encontros a equipe reflexiva teve seu tempo perto do final de cada encontro para abordar e problematizar diversas questões, entre elas: 1) reflexão sobre o perfil das crianças e adolescentes, com sugestões de leituras que abordam a temática das famílias inter-raciais no Brasil; 2) observações sobre sentimentos, em especial a raiva, sendo algo natural e presente na criação de vínculos entre quaisquer pessoas; 3) diálogos sobre as idealizações e como “manter os pés no chão” diante das expectativas em torno do processo de adoção.

Avaliação dos participantes acerca da equipe reflexiva

Ao final do último encontro foi solicitado aos participantes que preenchessem o formulário sobre sua percepção acerca da equipe reflexiva. Os dados provenientes das respostas foram analisados a partir da análise de conteúdo e agrupados em três categorias de análise que envolvem os papéis atribuídos à equipe reflexiva pelos participantes, sendo elas: reflexão, conhecimento e acolhimento.

A categoria temática “reflexão” esteve presente em sete respostas referentes ao questionamento: “Como a equipe ajudou a refletir sobre a adoção?”. Os participantes trouxeram aspectos relacionados à importância de uma pausa para um processo

reflexivo sobre o projeto adotivo de modo mais afinado, como é possível observar nos trechos que seguem: “sim, elas abriram nossos olhos para situações que nem percebíamos que estávamos fazendo, elas foram muito importantes” e “eu até esquecia que as meninas estavam ali, aí quando elas apareciam nos dava uma outra percepção do assunto e de como nós estávamos respondendo a ele. Acredito que elas foram uma ótima ferramenta para nos auxiliar a nos entender”. A partir dos dados obtidos pode-se inferir que, de modo sensível, a equipe pôde cumprir a função reflexiva, pois facilitou a emergência de novos modos de compreender e resolver os problemas que emergem (Barreto et al., 2019).

No que diz respeito ao tema “conhecimento”, seis respostas contemplaram essa categoria, sendo possível verificar que os conteúdos presentes nas falas da equipe reflexiva puderam trazer novos entendimentos sobre parentalidade e adoção. Como é possível observar nos trechos destacados: “elas foram maravilhosas, sempre com conhecimentos e palavras de apoio, para refletir sobre todo o processo”; ou ainda, “elas ajudaram na forma de compreender mais ainda como é a adoção”. Ainda que a equipe reflexiva traga, em sua fala, muitas vezes o que ressoou em si, tal como preconiza Andersen (1995), também pode compor processos de aprendizagem, pela via da colaboração.

Por fim, a categoria “acolhimento”, constou em três respostas e envolveu a sensação de acolhimento proporcionada pela equipe reflexiva, como podemos ver no trecho a seguir: “senti um acolhimento, que resumia o que sentimos e discutimos, em um olhar mais específico”. Aqui cabe ressaltar que além das análises promovidas pela equipe reflexiva, este foi um grupo voltado para o acolhimento, diferenciando-se de espaços de avaliação ou de cenários em que os pretendentes ocupam um lugar mais passivo. Assim eles puderam lançar-se nas discussões, certos de sua acolhida. Tal acolhimento vem ao encontro do que Beiras, Bronz & Schneider (2020) abordam sobre o cuidado especial na escuta em equipes reflexivas, sendo que também é papel da equipe estimular a troca de experiências e descrições diversas dos fenômenos e relações vividas no campo grupal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência de um grupo com pretendentes à adoção, com a participação de uma equipe reflexiva, bem como analisar a percepção dos participantes sobre essa prática. Não pretendeu esgotar a discussão sobre o tema, mas contribuiu para a reflexão sobre o uso da ferramenta da equipe reflexiva com essa modalidade de intervenção grupal.

Ao longo de cinco encontros, foi possível trabalhar temáticas comuns no cenário de grupos de adoção (Pasin et al., 2022), adicionando ao campo grupal a presença da equipe reflexiva que, de acordo com os próprios participantes, contribuiu para um aprofundamento na reflexão sobre adoção, no conhecimento e na sensação de acolhimento dos participantes no cenário grupal. Ressaltamos a importância da construção e da solidificação de projetos voltados à parentalidade adotiva, que possam promover acompanhamento, para além do curso obrigatório previsto na legislação. Torna-se importante um espaço de reflexão sobre o projeto adotivo, sem caráter avaliativo.

Como limitações do estudo podemos destacar o pequeno número de participantes e que, portanto, não pretendemos generalizar tais resultados; contudo reconhecemos que a experiência aponta para uma relação profícua no uso de equipes reflexivas para intervenções grupais com pretendentes à adoção e sugerimos que futuros estudos e intervenções possam ser desenvolvidas com outros grupos reflexivos sobre diferentes temas.

REFERÊNCIAS

- Abrahamsson, C., Rangel, C. L., Ribeiro, C. F., Costa, D. M., Van De Beuque, F. M., Costa, H. R. da, Bergallo, J., Corsini, L., Abrahamsson, L., Costamilan, M. B., Modesto, M. L., Miranda, M. M. de, Ribeiro, R. P., Rapizo, R., Lopes, S. M. de M., & Santos, S.** (2016). Ateliês em curso: Tecendo metodologias de facilitação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 22-33. Recuperado em 31 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412016000300003&lng=pt&tlng=pt.
- Andersen, T.** (1987). The reflecting team: dialogue and meta-dialogue in clinical work. *Family Process*, 26(4), 415-428.
- Andersen, T.** (1995). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Noos.
- Araujo, A. I. dos S. F., & Faro, A.** (2017). Motivações, dificuldades e expectativas acerca da adoção: perspectivas de futuros pais adotivos. *Psicologia em Revista*, 23(3), 790-810. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n3p790-810>.
- Anzini, C. P., Capeletto, E., Costa, G., Lima, M. F., Souza, T. C. & Schulze, M. D.** (2019). *Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade*, 7(2), 213-224. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/335187562_Dificuldades_da_adocao_inter-racial_perspectivas_dos_profissionais_da_rede_de_assistencia_social_e_juridica.
- Baldessar, J. C. & Castro, A.** (2020). Representações sociais da adoção tardia: o amor vinculado ao medo. *O Social em Questão*, V(47), 271 - 296. Recuperado de: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_47_SL2.pdf.
- Bardin, L.** (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barbosa, M. B., & Guanaes-Lorenzi, C.** (2015). Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar. *Psicologia Clínica*, 27(2), 15-38. Recuperado em 31 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Barreto, M., Souza, C. D. de, Sangaletti, A. K., Deus, M. D. de, Koltermann, J. P., Wegner, L. F., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L.** (2019). Grupo reflexivo para a promoção de parentalidade e coparentalidade: um relato de experiência. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 113-125.
- Beiras, A., Bronz, A., & Schneider, P. de F.** (2020). Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual-primeiras adaptações, desafios metodológicos e potencialidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 61-75.
- Cardoso, D. T., & Beiras, A.** (2022). Masculinidades, psicoterapia e construcionismo social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(74), 52-68. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/713/538>.
- Cecílio, M. S., Hueb, M. F. D., & Farinelli, M. R.** (2018). Vivenciando uma Oficina Preparatória para Adoção: um relato de experiência. *Revista da SPAGESP*, 19(2), 94-109. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6854187>.

- Fiorini, M. C., Guisso, L., & Crepaldi, M. A.** (2017). O trabalho com equipes reflexivas: revisão de literatura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 85-102.
- Fiorott, J. G. ; Giacomozzi, A. I.** (2022). Intervenções em adoção: Um olhar sob o enfoque da Psicologia Social Jurídica. In: Laura Cristina Eiras Coelho Soares; Lisandra Espíndula Moreira; André Luiz Machado das Neves; João Paulo Pereira Barros. (Org.). *Psicologia Social Jurídica: Articulações de práticas de ensino, pesquisa e extensão no Brasil*. 1ed. Porto Alegre: ABRAPSO, v. 1, p. 279-297.
- Fiorott, J. G., Pasin, H. C. A. P., Hensel, B. H. P., Giacomozzi, A. I., & da Silva Bousfield, A. B.** (2022). Prática psicológica mediada por tecnologia: relato de experiência de grupos reflexivos com pretendentes à adoção de crianças e adolescentes. *Psicologia Revista*, 31(1), 231-250. <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/50998>.
- Finamori, S. & Silva, A. B. M.** (2019). Identidade e pertencimento: Grupos de apoio à adoção e direito às origens. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, V(33) .295-317. 10.1590/1984-6487.
- Giacomozzi, A. I., Nicoletti, M., & Godinho, E. M.** (2016). As representações sociais e as motivações para adoção de pretendentes brasileiros à adoção. *Psicologica*, 58(1), 41-64. https://doi.org/10.14195/1647-8606_58-1_3.
- Giacomozzi, A.I. & Fiorott, J.** (2023). Perícia Psicológica em Processos de Habilitação para adoção. In: Manual de Perícia Psicológica Forense. Guimarães, L. C. (Org.). pag. 796. Editora Vetor, São Paulo.
- Justo, A. M., Bastianello, G., Pralon, J. A., & Porto, L. M. P.** (2020). Velho, eu? Grupo de intervenção psicossocial em uma universidade aberta para pessoas idosas. In: G. M. Polli & M. C. Antunes (eds.), *Intervenções em psicologia comunitária e da saúde: teoria e prática* (pp. 171-194). Juruá.
- Labs, M. S., & Grandesso, M.** (2017). Processos reflexivos: ampliando possibilidades para terapeutas que atendem sem equipe. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(58), 98-113. Recuperado em 31 de julho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Levinzon, G. K. A. D.** (2019). Adoção e falso self: o dilema do “bom adotado” In: G. K. Levinzon & A. D. de Lisondo (eds.). *Adoção: desafios da contemporaneidade* (pp. 50-70). São Paulo: Editora Blucher.
- Lopes, F. M. ; Fiorott, J. ; Silva, E. Z. P. ; Giacomozzi, A. I.** (2021). Desafios da intervenção em grupo na modalidade on-line. In: R. M. Cruz; G. Zwielewski, (Org.). *Manual de Psicoterapia on-line* (p. 341-357). 1ed. São Paulo: Vetor, v. 1.
- Miranda, P. R. A., Fiorott J. G., Bousfield, A. B. S., & Giacomozzi, A. I.** (2020). Estratégias de acompanhamento psicológico da parentalidade adotiva: notas sobre experiências grupais. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 85-97. <https://revistanps.com.br/nps/article/view/549>.
- Pasin, H. C. A., Fiorott, J. G., Hensel, B. P., Giacomozzi, A. I., & da Silva Bousfield, A. B.** (2022). Grupos reflexivos sobre adoção de crianças e adolescentes: temas emergentes. *Revista da SPAGESP*, 23(1), 14-29.
- Peixoto, A. da C., Giacomozzi, A. I., Bousfield, A. B. da S., Berri, B., & Fiorott, J. G.** (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 89-108. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i63.361>.

- Pelisoli, C. & Oliveira Júnior, D. F.** (2016). Aspectos jurídicos e psicossociais da adoção de crianças e adolescentes no Brasil. In P. I. C. Gomide & S. S. Staut Júnior (Orgs.), *Introdução à psicologia forense* (pp. 69-83). Curitiba: Juruá.
- Perez, C. D., Albiero, D. G., Massari, M. G., Cunha, S. A.** (2022). Grupo de pretendentes à adoção: um dispositivo coletivo de construção e ressignificação das parentalidades. In: C. Peiter; M. R. P. Ferreira; M. L. A. M. Ghirardi (orgs.), *Desamparo, acolhimento e adoções*. (pp. 123-138). São Paulo: Editora Blucher.
- Rapizo, R.** (2013). *Entre laços e nós, perdas e ganhos: um espaço de conversas sobre divórcio*. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Rasera, E. F., Santos, L. A. S., Faria, L. G., de Aguiar, R. L. C., & Pires, V. S.** (2006). A construção de um estágio em psicoterapia de grupo: uma perspectiva construcionista social. *Revista da SPAGESP*, 7(2), 30-39.
- Schmidt, B., Staudt, A. C. P., & Wagner, A.** (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9(1), p. 2-18.
- Schettini, S. S. M.; Amazonas, M. C. L. de A.; Dias, C. M. de S. B.** (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287122091007.pdf>.
- Silva, L. O., Oliveira, L. R. R. C., Soares, L. C. E. C., & Rapizo, R. L.** (2018). Diálogos com pais e mães separados: grupos reflexivos no sistema de justiça. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 62, 88-108. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/461/375>.
- Silva et al.**, (2022). (Re)construindo Vínculos: relato de experiência de um grupo de apoio à adoção. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 23(1), 175-190. 10.32467/issn.2175-3628v23n1a14.
- Silveira, A. M.** (2005). *Adoção de crianças negras: inclusão ou exclusão?* São Paulo: Veras.
- Sluzki, C.E.** (1997). *A Rede Social na Prática Sistêmica: Alternativas Terapêuticas*. (Claudia Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tholl, F., & Beiras, A.** (2017). Terapia familiar com crianças: a importância da interlocução teórico-prática para a superação dos desafios no processo de formação do terapeuta. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(58), 86-97.
- Vitali, M. M., Presotto, G. C., Gizzi, F., Gomes, M. A., & Giacomozzi, A. I.** (2021). #BlackLivesMatter: A study of social representations from Twitter. *Community Psychology in Global Perspective*, 8(1), 1-19.
- Wilson, D. & Hockenberry, M. J.** (2014). *Fundamentos de enfermagem pediátrica*. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. 9.ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

JULIANA GOMES FIOROTT

Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Psicóloga pelo Centro Universitário Faders. Docente nos cursos de Psicologia e Direito da Faculdade Anhanguera. É participante do projeto de extensão “Grupo reflexivo para mães e pais por adoção” (UFSC).

<https://orcid.org/0000-0002-6064-1593>

E-mail: juliana.gomesfiorott@gmail.com

LUIZA RODRIGUES MELO

Graduanda em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisadora de Iniciação Científica no Núcleo de Pesquisa Margens (Modos de Vida, Família e Relações de Gênero) no projeto “Grupo de homens repensando masculinidades - mapeando experiências e potencialidades para o enfrentamento da violência contra mulheres na Grande Florianópolis”.

<https://orcid.org/0009-0004-4906-5152>

E-mail: luizameloo31299@gmail.com

ANA JULIA SANTANA VICENTE

<https://orcid.org/0009-0005-3640-348X>

E-mail: annajuliavicente@hotmail.com

ANDRÉIA ISABEL GIACOMOZZI

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998), mestrado (2004) e doutorado em Psicologia também pela UFSC (2008). Realizou doutorado Sanduíche na Universidade de Estudos de Pádua, em 2006, como bolsista CAPES, e Estágio no CRIPS (Centro de Pesquisa e Informação em Prevenção da Sida) Ile-de-France, Paris, em 2007, como bolsista do Departamento Nacional de DST e Aids no escopo da cooperação Brasil-França. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Psicologia da UFSC e PPGP – Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC.

<https://orcid.org/0000-0002-3172-5800>

E-mail: agiacomozzi@hotmail.com